



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EDUARDO PEREIRA LOPES

O HIP HOP COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

PICOS-PI
2018

EDUARDO PEREIRA LOPES

O HIP HOP COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Piauí- UFPI
Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros-CSHNB, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia. Sob a orientação do
Prof: Dr Gabriel Eidelwein Silveira

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

L864h Lopes, Eduardo Pereira.

O Hip Hop como instrumento pedagógico / Eduardo Pereira Lopes.– 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (50 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof. Dr. Gabriel Eidelwein Silveira.

1. Hip Hop. 2. Educação. 3. Cultura Jovens. 4. Instrumento Pedagógico. I. Título.

CDD 371.3

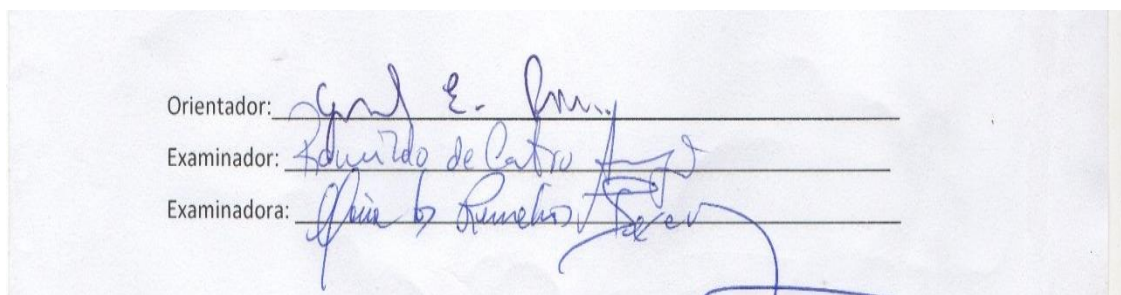
EDUARDO PEREIRA LOPES

O HIP HOP COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí- UFPI Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob a orientação do Prof: Dr Gabriel Eidelwein Silveira

APROVADO EM: 05/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof: Dr Gabriel Eidelwein Silveira

Orientador-UFPI/CSHNB

Prof: Mestre Romildo Castro Araújo

Prof: Dra. Maria dos Remédios Beserra-R.Sá

PICOS-PI

2018

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos que me apoiaram nessa trajetória ao longo deste curso, principalmente minha família, meus filhos, minha esposa, meus irmãos e amigos. Dedico ainda ao movimento hip hop de Picos que ao longo destes 20 anos estivemos firmes e fortes no combate às injustiças

Dedico a todos os jovens negros e pobres das periferias que sem oportunidades para estudar acabam se desviando de seus ideais. Dedico ainda a todos e todas que no caminho do nosso curso tiveram que desistir, infelizmente por conta de um sistema opressor e excludente que não admite que o pobre possa concluir um curso superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao todo poderoso DEUS, pois sem ele nada disso seria possível.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Professor Gabriel Eidelwein Silveira que me guiou nesta trajetória.

Aos meus colegas de sala e em especial ao fundão meus companheiros de todas as horas, Marciel, Francivania, Layla , Divanide e Igor.

A todos os professores do curso que, sem exceções, foram muito importantes para o meu crescimento como pessoa.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio e em especial a minha querida esposa Rosa Cristina.

Não poderia deixar de agradecer a uma pessoa que foi o verdadeiro divisor de águas, gostaria de agradecer a professora Glacia Lopes de Araújo, que me incentivou a fazer esse curso, me apoiou e acompanhou toda minha trajetória dentro curso.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”...
(Nelson Mandela)

RESUMO

LOPES, Eduardo Pereira. **O HIP HOP COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO.** Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Piauí. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos, 2018.

Este trabalho tem como proposta o desenvolvimento do estudo com o movimento Hip Hop , tem como objetivo investigar o movimento ou cultura Hip Hop e suas relações com a educação formal, traçando um paralelo entre a sua origem e sua utilização como um instrumento pedagógico, tendo em vista que este movimento se tornou uma das maiores expressões culturais entre os jovens na contemporaneidade, pois utiliza das suas principais ferramentas que são os quatro pilares (grafite, DJ, break, e o rap) para dar sustentabilidade a um possível quinto elemento que seria a tomada de consciência, possibilitando assim uma formação crítica e participativa entre os indivíduos. Este estudo é de caráter bibliográfico, recorrendo-se também ao método autobiográfico, onde o autor resgata suas vivências e experiências no movimento Hip Hop e na educação formal, através do estágio supervisionado. Ao final, conclui-se que o Hip Hop pode ser um uma importante ferramenta no processo ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Hip Hop. Educação. Cultura. Jovens. Instrumento pedagógico.

ABSTRACT

LOPES, Eduardo Pereira. HIP HOP AS A PEDAGOGICAL INSTRUMENT. Graduation work in Full Degree in Pedagogy. Federal University of Piauí. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos, 2018. The purpose of this work is to develop the study with the Hip Hop movement, whose objective is to investigate the Hip Hop movement and its relations with formal education, drawing a parallel between its origin and its use as a pedagogical instrument, taking into account view that this movement has become one of the greatest cultural expressions among young people in the contemporary world, since it uses its main tools that are the four pillars (graphite, DJ, break, and rap) to give sustainability to a possible fifth element that would be the making it possible for a critical and participatory formation among individuals. This study is of a bibliographic character, also using the autobiographical method, where the author rescues his experiences and experiences in the Hip Hop movement and in formal education through the supervised stage. At the end, it was concluded that Hip Hop can be an important tool in the teaching-learning process. Keywords: Hip Hop. Education. Culture. Young. Pedagogical instrument.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – AFRIKA BAMBAATAA.....	18
FIGURA2- DJ KOOLHERC.....	20
FIGURA3-NELSON TRIUNFO E SP FUNK.....	25
FIGURA 4- LARGO DA SÃO BENTO.....	26
FIGURA5- PRETO GHOZ.....	28
FIGURA6-LOGO DO QI.....	29
FIGURA7-LOGO DO M2HP.....	30
FIGURA8-FORMAÇÃO DA RECID.....	31
FIGURA 9 –OFICINA DE GRAFITE.....	32
FIGURA10-OFICINA DE GRAFITE.....	32
FIGURA11- GRAFITE EM MURO.....	40
FIGURA12-AULA DE GRAFITE.....	41
FIGURA13 – TEDRAP E NALDO MC.....	42
FIGURA14- BATALHA DE BREAK.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 PROLEMAS E PREMISSAS.....	12
1.2 REFERÊNCIAL TEORICO.....	15
2. A ORIGEM DO HIP HOP	16
3. HISTORIA DO HIP HOP NO BRASIL.....	24
4. O HIP HOP COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	34
4.1 O GRAFITE EM SALA DE AULA.....	40
4.2 O RAP, O DJ E AS AULAS.....	42
4.3 O BREAK, CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA NAS AULAS.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo traz como tema norteador o Hip Hop como instrumento Pedagógico. O despertar para essa temática nesse projeto deu se após uma experiência com o programa Mais Educação e também com o programa Pro-jovem Adolescente, onde o autor teve a oportunidade de ensinar muito do que sabe e entende por cultura ou movimento Hip Hop em um contexto em que o Hip Hop atua, sendo este o mesmo em que a maioria das escolas públicas estão localizada, nas periferias. E hoje com um pouco mais de propriedade após vivenciar a experiência do estágio em sala de aula através do curso de pedagogia, o autor pode ter um contato maior com os problemas que atingem os jovens das periferias no tocante o ensino aprendizagem, como o fato da maioria das escolas não contarem com uma infraestrutura física e pedagógica de qualidade para proporcionar aos alunos um ensino adequado, que aliados ao contexto sócio cultural possa gerar uma desvalorização, por parte dos alunos, para com o processo ensino aprendizagem .

Sabendo que o Hip Hop se tornou um campo abrangente para pesquisas em diversas em diversas áreas do conhecimento, seja na educação, sociologia, jornalismo, antropologia, história, ao tratarem de objetos culturais como resistência popular, diversidade, racismo, contexto sócio cultural e político, e entendendo que o movimento ou cultura Hip Hop por si só já traz em sua trajetória contribuições relevantes para os jovens das periferias, pois para que haja um aprendizado mais completo espera-se que escola e o contexto cultural em que os alunos estão inseridos caminhem juntos, nesse sentido o Hip Hop só tem a somar para o aprendizado desses jovens, especialmente quando se observa o contexto geral da educação brasileira que historicamente exclui os jovens pobres e negros, nota-se que o Hip Hop faz um caminho diferente no que diz respeito a inclusão e as formas de ensinar.

Nesse sentido, Damasceno vem dizer:

[...] que as práticas educativas da sociedade civil não são apenas aquelas realizadas no âmbito da escola, mas também as que são desenvolvidas pelos sindicatos, partidos políticos, igrejas, organizações não governamentais e organizações da sociedade civil em geral (DAMASCENO,2005, p.10).

Portanto essa pesquisa pretendeu responder ao seguinte problema: como utilizar o Hip Hop como instrumento pedagógico, e tem como objetivo geral investigar como utilizar o Hip Hop como instrumento pedagógico, sendo que os objetivos específicos seria, realizar o levantamento histórico do Hip Hop nos Estados Unidos e no Brasil, demonstrar com exemplos práticos como utilizar os quatro elementos do hip hop em sala de aula, expor a experiência do autor como líder de movimento hip hop utilizando os elementos do Hip Hop em sala de aula, especialmente do atendimento de alunos adolescentes, que se encontram na fase de contestação, de construção de seus próprios valores éticos e que procuram novas formas de se relacionar em termos culturais, econômicos, políticos, sociais. Segundo a Lei de diretrizes e bases da educação brasileira – LDB (1996, p1), a educação abrange processos que se desenvolvem “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Este trabalho traz a seguinte estrutura a introdução é a parte de como está estruturado o trabalho, no capítulo (1.1) traz os problemas e premissas que seria a problemática e os desafios, no capítulo (2) fala sobre a origem do hip hop nos Estados Unidos, e o capítulo (3) fala sobre a origem do hip hop no Brasil e a chegada e m Picos do Piauí, O capítulo (4) trata –se de como utilizar o Hip Hop como instrumento pedagógico, que traz ainda o grafite em sala de aula, o rap o dj e as aulas, o break, contribuição da dança nas aulas, e no capítulo (5) são as considerações finais e o capítulo (6) as referências são os artigos livros autores site por quais foram embasado o seguinte trabalho.

1.1 PROBLEMAS E PREMISSAS

Embora a escola seja um espaço democrático, pode se dizer também que o espaço escolar age de forma excludente para com aqueles que não se encaixam em determinados padrões imposto por uma sociedade cada vez mais seletiva, tais como: uma roupa da moda, um cabelo liso ou até mesmo uma pele branca. Desta forma, acabam acontecendo as evasões escolares e muitas vezes a escola por si só, com os métodos pedagógicos tradicionais, acabam não suprimindo as

necessidades e o interesse dos alunos no tocante ao processo ensino aprendizagem, principalmente em escolas públicas localizadas em periferias, onde falta de tudo, desde um saneamento básico até mesmo uma estrutura em seu seio familiar; estes jovens estão cercados pelos mais diversos contextos sociais e culturais que se possa imaginar, que variam desde as diferentes classes sociais, étnicas raciais a diferentes tribos urbanas entre estes jovens. A respeito do contexto escolar no qual esses jovens estão inseridos, Andrade afirma,

[...] por um lado professores descontentes com a situação do magistério com a baixa remuneração e com a postura de rebeldia na comunidade escolar. Por outro lado, alunos que se mostravam insatisfeitos com seus professores e conseqüentemente indiferentes ao conhecimento transmitido pelo currículo oficial; a apatia estava instalada seu cotidiano escolar assinalado pela cumplicidade da ação "finge-se que se ensina e finge-se que se aprende"- fato notório nas últimas décadas no país principalmente se tratando de escolas públicas onde a clientela e de baixa renda (ANDRADE, 1999, p.83).

Para se pensar em educação que forme um indivíduo completo, crítico e participativo da vida em sociedade, devem-se levar em consideração todas as possibilidades para que haja realmente um ensino e uma aprendizagem significativa, onde o indivíduo se sinta parte desse processo, o aluno deve sentir prazer em aprender e não sentir se obrigado ou coagido a aprender.

O movimento ou cultura Hip Hop através dos seus quatro elementos (grafite, DJ, break e o rap), pode ser uma nova possibilidade de trazer de volta o interesse dos jovens para uma aprendizagem muito mais significativa e prazerosa, através de uma linguagem própria do movimento junto às metodologias pedagógicas, no intuito de aproximar esses jovens da escola, procurando assim compreender de que maneira o Hip Hop pode contribuir para o desenvolvimento escolar desses jovens.

Portanto essa pesquisa pretendeu responder ao seguinte problema: como utilizar o Hip Hop como instrumento pedagógico, e tem como objetivo geral investigar como utilizar o Hip Hop como instrumento pedagógico, sendo que os objetivos específicos seria, realizar o levantamento histórico do Hip Hop nos Estados Unidos e no Brasil, demonstrar com exemplos práticos como utilizar os quatro elementos do hip hop em sala de aula, expor a experiência do autor como líder de movimento hip hop utilizando os elementos do Hip Hop em sala de aula, especialmente do atendimento de alunos adolescentes. Possibilitando refletir sobre

a importância da cultura Hip Hop no processo educativo em escolas públicas e ainda destacar as contribuições dessa cultura como prática pedagógica.

Acredita-se que o Hip Hop como instrumento pedagógico pode ser trabalhado em sua totalidade, abordando questões como gênero, inclusão e combate ao preconceito, propondo estabelecer uma relação entre a escola e a sociedade, mantendo assim um diálogo entre professor, aluno e a comunidade em que a escola está inserida, através das diversas práticas pedagógicas que o Hip Hop pode ajudar a exercer.

[...] A escola precisa explorar as riquezas culturais advindas principalmente, da etnicidade e do regionalismo.

Essa é uma das propostas divulgadas pelo Ministério da Educação ao iniciar os temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais os (PCNs) (ANDRADE, 1999, p.85).

A abordagem do Hip Hop como instrumento pedagógico se faz necessária para se repensar uma nova maneira de se ensinar, e também rever os conceitos do que são arte e cultura para as escolas no mundo contemporâneo e seus objetivos. Cabe aos educadores compreender tais manifestações e abrir espaços de diálogos e intervenção sócio educacional por meio de uma linguagem comum aos estudantes da área urbana sejam eles do centro ou principalmente das periferias.

Espera-se com este estudo, que todos os questionamentos aqui colocados venham a ser respondidos e esclarecidos, visando contribuir para o aprendizado acadêmico e profissional de todos aqueles que do presente trabalho se apropriem, venha contribuir como fontes de estudos e de pesquisa, tanto acadêmico do curso de Pedagogia, quanto de demais áreas que se interessem pela temática aqui exposta.

Para a construção desse trabalho recorreu-se à pesquisa bibliográfica, através de leituras em livros, revistas, teses. Porém, também foi utilizado o método autobiográfico por meio de vivências e experiências do autor ao longo dos anos com o movimento Hip Hop.

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinados temas (MARTINS, 2001). Este tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador

em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI e LAKATOS ,2007).

Desta forma segundo os autores citados acima, a pesquisa bibliográfica não se baseia apenas em uma repetição do que já foi escrito, mas permite que se faça um a nova reflexão sobre os assuntos e temas abordados, possibilitando assim conclusões inovadoras e perspectivas diferenciadas do tema proposto.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente a cultura Hip Hop tem sido debatida e estudada em seus diversos aspectos, seja no seu contexto cultural ou social, pois dependendo do que se está proposto à cultura ou movimento Hip Hop se apresenta como um divisor de águas. Tanto no tocante a problemas sociais, quanto ao universo escolar, pode-se constatar que o movimento Hip Hop é um espaço discursivo e de formação de identidade, podendo assim contribuir com a formação dos indivíduos como sujeitos históricos, inseridos na sociedade e cultura, pensantes e críticos.

[...] Aproveitar o interesse dos alunos da sentido ao estudo e atrair a atenção de todos". "A sociedade é multicultural, e devemos contemplar na instituição de ensino a diversidade de práticas corporais existentes fora dela", diz Osvaldo Luiz Ferraz, pesquisador da escola de educação Física e esporte da USP.O break especificamente pode ajudar a desenvolver aspectos da dança e da consciência corporal. Nova escola. org. br (Winkel, Salla, 2014, p. 85).

Para vários estudiosos o Hip Hop tem se mostrado como uma ferramenta bastante eficaz no processo ensino aprendizagem nas escolas das periferias, tendo em vista que esta cultura traz em sua essência quatro poderosas ferramentas metodológicas, sendo estas a dança (break), música (rap), artes plásticas (grafite), produção musical (DJ), podendo assim está contribuindo com o desenvolvimento sensorio motor e cognitivo desses jovens.

Porém, como explica Sousa (2012), na prática esses jovens constroem cotidianamente em meio a muitas dificuldades saberes das experiências que os potencializam, na busca de sentidos do seu existir, com tentativas de transformação das realidades individuais, coletivas e dos contextos onde estão inseridos. Nessa dinâmica os jovens rappers engendram sempre, com suas práticas e elaborações,

novos saberes, o que se configura para esse estudo como uma pedagogia em movimento.

O Hip Hop transcende para além do campo cultural e educacional, pois como um forte instrumento pedagógico que é ele termina por tráfegar no campo político também, pois em sua música (rap), traz sempre temas relevantes sobre os descasos por parte dos políticos para com os moradores das periferias, potencializando assim uma provocação para um despertar crítico entre os indivíduos, conforme se pode observar no trecho da letra a seguir:

Aí Ministro da Educação;
 O futuro da nação vai á escola só pela refeição;
 Que ás vezes não tem o suficiente pra repetir o prato;
 Que ás vezes não tem um arroz com feijão pra comer no barraco;
 Aí bate o sinal da merenda;
 Aquele moleque com fome agradece ao Estado, nem ta ligado;
 Sonegação no imposto de renda;
 Aí eu pergunto quem defenderá essas crianças esperanças;
 Que não foi á escola por causa do frio ou da chuva;
 Que não tem caderno, lápis, sapato nem blusa;
 Dificilmente você entende o nosso lado;
 O lado forte, o lado pobre, ao mesmo tempo fraco;
 Seu filho agasalhado, bem nutrido;
 Com chofer até a porta do colégio particular;
 Será que você consegue avaliar a situação dessa criança;
 Carente, faminta, machucada por dentro;
 Fora desiludida e ás vezes até sem família;
 E não são poucas as crianças marginalizadas;
 E o pior usadas para manter seu conforto;
 Luxo, esbanjamento, eu não aguento;
 As crianças os seus direitos são privados;
 Por vocês seus burocratas;
 Aí ministro, Brasil ta sem educação ano 2000, que nada;
 É hora da virada.

(2x) Aí Ministro sou porta voz desse povo faminto;
 Meu povo sofre, sofre, se lembre bem disso;
 Aí Ministro sou porta voz desse povo faminto;
 Se é que sou bandido de educação eu preciso.

(Brasil sem Educação, Face da Morte, 1999).

2. A ORIGEM DO HIP HOP

O hip hop é um movimento político cultural que ultrapassa os meios meramente culturais e que tem sua origem nos guetos dos Estados Unidos, que surgiu entre as comunidades afro-americanas do subúrbio de Nova York na década

de 1970 tendo a música como principal manifestação artística, que também tem na dança e no grafite forte representação. Dos Estados Unidos, a cultura Hip Hop se espalhou pelo mundo, no Brasil, a cidade de São Paulo é aquela com maior número de adeptos e com uma relevante produção artística. Porém, o Hip Hop ultrapassou as fronteiras dos grandes centros e hoje em dia pode ser encontrado adeptos desde as grandes capitais até os mais longínquos interiores dos sertões nordestinos.

Os bailes foram os incentivadores para o aparecimento do break, entretanto foi entre os jovens do gueto que ele se proliferou e o seu aperfeiçoamento não encontrou outro espaço senão nas ruas. Desta forma, tornou-se um empecilho para os jovens frequentadores dos bailes; além do que, os primeiros dançarinos de break vestiam-se com roupas pouco ou nada apropriadas para a moda da época dos bailes. Os b.boys vestiam-se com agasalhos, roupas largas e tênis, de modo a permitir a movimentação da dança com mais facilidade. Assim o break espalhou-se, não só por São Paulo, como por todo o Brasil, e até hoje é presente na vida dos jovens dos guetos. Mas o break nunca vai sozinho. Leva consigo o hip hop, marcando presença nas periferias.
(MOTTA, BALINO, 2006p. 69)

A palavra hip hop significa saltar balançando os quadris (ANDRADE, 1999), é, pois, um convite à diversão que sempre teve e continua tendo como proposta a paz, embora existam outras definições para a expressão hip hop. E ainda de acordo com os estudos realizados, o termo hip hop é na verdade o som da cadência da marcha dos soldados, pois muitos dos movimentos da dança seriam inspirados nos soldados na guerra do Vietnã.

O Hip Hop surge com uma forma de canalizar a violência que destruíra os jovens afro americanos e latinos, através das gangues e disputas de território.

A formação destas gangues defendia ideias e espaços; utilizavam-se do crime e da violência para tal. No meio da briga está uma parte da Black Spaders, conhecida como Bronx River Projects (Projeto Rio Bronx). Um de seus líderes é um jovem, cansado das brigas, colecionador de discos e apaixonado por música. Chama-se Kevin Donovan e é produtor de festas no Bronx, onde exhibe seus sons. Estas festas vão aos poucos tomando o espaço das ruas, enquanto as gangues são esquecidas, dando lugar aos bailes, conhecidas como block parties, festas de quarteirão (MOTTA, BALLINO, 2006, p.21).

Nesse processo o Hip Hop enquanto cultura urbana surgiu na periferia de Nova York, entre as comunidades caribenhas, afro-americanas e latino-americanas

na década de 1970. O contexto social era de violência e criminalidade nesses bairros, e a única forma de lazer possível para os jovens era nas ruas. Eles encontraram na música, poesia, dança e na pintura uma forma de manifestação de sua realidade e contestação.

Embora o momento histórico nos Estados Unidos não fosse favorável para os negros norte americanos, o hip hop se mantinha firme e atravessava tudo de cabeça erguida, pois além de um movimento artístico o Hip Hop também era uma expressão político-social e as manifestações surgiam a todo momento contrapondo todas as adversidades advindas das periferias e dos descasos por parte dos políticos locais, geralmente entravam num sistema de gangues, as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial. As gangues funcionavam como um sistema opressor dentro das próprias periferias. Segundo Balbino:

Após esse período de conflitos, os jovens começaram a trocar as disputas sangrentas de espaço por disputas de dança. O que antes eram gangues tornou-se crew (grupo, equipe, turma) em inglês. As crews mantiveram a postura de protesto das gangues, mas sem violência, levando pelo mundo o refrão criado por Afrika Bambaataa: "Peace, Unit, Love and. hanving fun"- paz, união, amor e diversão- com a extinção da gangue Bronx River Projects e as festas do gueto em crescimento, ganhando cada vez mais adeptos, Afrika Bambaataa desenvolveu uma cultura própria, resultado de uma ideologia (MOTTA, BALINO, 2006, p. 21).

Na figura 1, tem-se o fundador do Hip Hop Afrika Bambaataa.

Fiura-1:Afrika Bambaataa



Imagem disponível em: www.gettyimages.pt acesso em 23/11/2018

Balbino (2006), afirma que em 12 de novembro de 1973 nasce a Zulu Nation, somando os jovens que abandonaram as gangues, Bambaataa fundou inicialmente a Young organizations (organização de jovens), com ideias pacifistas, de autoafirmação e valorização da juventude afrodescendente; pouco depois de Afrika Bambaataa criar a nomenclatura do movimento e unificar os quatro elementos, o hip hop rapidamente se popularizou e espalhou-se rapidamente pelos guetos e periferias norte-americanas. Assim como toda nova forma de representação artística, o Hip Hop tinha a força e o poder de mobilizar os jovens e mesmo que os anos 70 fosse um turbilhão de acontecimentos nos Estados Unidos principalmente para os negros e os latinos, pois ao mesmo tempo acontecia a luta por direitos civis como também a tentativa de autoafirmação racial.

Os negros passam a se organizar da maneira que podiam, então passam a se espelhar em líderes como Martin Luther King e Malcolm X, e um pouco mais tarde em grupos ou partidos como Panteras Negras. Todos esses fenômenos só fizeram contribuir para o crescimento e o desenvolvimento da cultura Hip Hop, mesmo diante da turbulenta vida dos jovens norte-americanos em meio às desigualdades sociais e violência entre as gangues, o movimento ou cultura hip hop se afirma como um instrumento de transformação social. Nesse sentido, Motta afirma que.

O hip hop é ilustrado por personagens sobreviventes de guerras. Uma guerra diária pela vida. Ele acolhe e tenta proteger os que já nascem condenados à morte. Personagens reais, cercados pela miséria, fome, desinformação, violência, crueldades, desemprego, drogas, descaso, desabrigo, armas de fogo, tráfico e desrespeito. Em meio a tantas armas que eles podem escolher no jogo real do “matar ou morrer”, o hip hop escolhe a maior de todas as armas: a cultura. Uma cultura marginal, mas que não é o propriedade dos grandes, não é propriedade da elite nem da burguesia. É a cultura de quem foi capaz de cria-la e leva-la adiante. É a cultura das ruas e do povo (MOTTA, BALBINO, 2006 apud TCHELLA, 2007, p.2).

Infelizmente as comunidades negras ainda enfrentavam muitos problemas de ordem social, tais como a pobreza, tráfico de drogas, racismo, violência, falta de investimento em educação e infraestrutura; porém, como a comunidade negra da época sempre se reinventa mesmo em meio as adversidade e mesmo sem nenhuma opção de lazer, eles se reuniram e começaram a organizar festas de rua com equipamentos sonoros muitos grandes e potentes, onde o *DJ* conhecido como *Kool Herc começa criar* e introduziu uma nova forma de cantar rimas, uma forma bem mais elaborada encima das batidas das instrumentais, sendo que estas rimas falavam de diferentes temas tais como político entretenimento e algumas com teor sexual. Geralmente as rimas eram bem elaboradas criativas e politizadas, que inevitavelmente começaram a fazer sucesso, fazendo *DJs* como *Afrika Bambaataa*, *Kool Herc*, *Grand Master Flash*, entre outros. organizarem festas no intuito de que estas manifestações viessem a ter espaço. Assim como afirma Silva (2018)

O estilo de falar rimando em cima de um instrumental já era comum na Jamaica. Seus praticantes, alguns conhecidos como toasters, abordavam, em forma de versos, assuntos do cotidiano e de suas vivências, ao som dos ritmos ska e reggae que animavam as festas nas ruas jamaicanas. Utilizando-se dos chamados sound systems – sistemas de som – mais precisamente na periferia de Kingston, levavam a música “para alegrar a juventude preta e pobre”. (SILVA, 2018, p. 31 apud SOUSA 2018).

A figura 2 trata se do dj kool herc o pioneiro da cultura Hip Hop

Fiura-2: DJ Kool Herc



Imagem disponível em: www.gettyimage.pt. acesso, em 23/11/2018

Os encontros passaram a ganhar cada vez mais popularidade, e isto serviu como a maior e melhor forma de lazer para a comunidade negra que era privada de outros tipos de lazeres. Estes encontros também tiveram outro ponto positivo, pois as gangues que eram um dos maiores problemas entre as comunidades negras da época, pois aos poucos por conta desses encontros de lazer foram deixando as rixas e a luta armada e começaram a disputar entre si através de danças, nascendo então uma das maiores expressões da cultura Hip Hop a dança de rua mais tarde chamada de break dance.

Herc percebeu que as batidas do som é que empolgavam o público. Esse trecho tocado ficou conhecido como break – do inglês to break – que significa quebrar, pois era como se quebrasse a música e reproduzisse apenas a parte quebrada. Surgiram assim, os dois primeiros elementos do hip hop: o Disk Jockey (DJ) e, conseqüentemente, a dança breaking, como relatam Balbino e Motta: na empolgação das festas, Herc percebeu que os breaks das músicas agradavam aos que se arriscavam às performances nas pistas de dança. Teve então a ideia de tocar o mesmo break sem parar, mas como fazer isso? Experimentou algumas técnicas e descobriu que com dois toca-discos e dois vinis iguais ele poderia arranhar, produzindo o mesmo break, com o auxílio de um mixer – aparelho que une os toca-discos e ajusta a si a cronicidade dos vinis. Com esta prática o número de dançarinos aumentou

consideravelmente e eles ficaram conhecidos como b.boys – breaking boys. (BALBINO; MOTTA, 2006, p.23 apud SOUSA).

Podemos ressaltar que as autoras destacam que, além dos B.boys, (os homens que dançam) existem também as B.girls, (as mulheres que dançam), adeptas do breaking, que, por sua vez, ficou conhecido por este nome não só por fazer referência ao instrumental dançante produzido pelo DJ, mas também porque na dança “os movimentos são sincopados e robóticos, passando a impressão do dançarino estar quebrando o corpo” (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 75).

O movimento foi crescendo cada vez mais e com isso incorporando outros elementos a música, a dança, e paralelamente ao surgimento do breaking, surgiu o MC – Master of Ceremony – Mestre de Cerimônia. “Os primeiros MCs foram também os primeiros DJs de hip hop existentes, Kool Herc e Afrika Bambaataa” (BALBINO; MOTTA 2006, p. 58).

Surgiam então os primeiros raps, como enfatizam Balbino e Motta (2006), o rap surgiu das rimas improvisadas que os breakers faziam, ao receberem o microfone e o incentivo de Bambaataa e Herc.

Inicialmente as frases eram tímidas e recatadas, mas com o tempo foram ganhando a personalidade do MC que empunhava o microfone. Surgia também o Freestyle – improvisado – das rimas. Normalmente estas frases falavam sobre os acontecimentos mais recentes dos guetos e das periferias, e nasciam então, as primeiras letras de RAP, Rythm and Poetry – Rítmo e Poesia – que era a poesia feita sobre o ritmo aplicado pelos DJs. Desde então, os participantes das festas de quarteirão, entenderam o “jogo” e os jovens queriam fazer suas rimas. 19 Esta prática ajudou no extermínio total das gangues, já que com as rimas improvisadas, os jovens podiam dizer o que pensavam a respeito da sociedade e dos adversários de outras gangues [...] Longe das brigas, os jovens não procuravam mais gangues como entretenimento, e passaram a exprimir pensamentos e protestos por meio das artes que eram criadas nas ruas e se dispunham a eles no momento. (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 24).

Paralelo aos encontros e festas que aconteciam, uma verdadeira revolução artística se consolidava, surgem diversos artistas fazendo suas assinaturas e demarcando seus territórios e de uma forma bem espontânea, expondo suas intervenções, surgindo ai os primeiros sinais do que seria chamado um pouco mais tarde de Graffiti, como explica Balbino e Motta:

Em seguida, outra forma de expressão ganhava as ruas, praticada por jovens remanescentes das gangues que por não conseguirem se

expressar por meio do rap ou da dança se utilizavam da tinta em spray. Visto com frequência nos metrô de Nova York, era o graffiti, “nesta grafia, porque vem do italiano – graffito – que são os desenhos de épocas antigas, riscados com carvão e matérias naturais em rochas, cavernas e paredes. Dá-se então o graffiti, plural de graffito”. (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 89).

À medida que o movimento se desenvolvia, a dança de rua se tornava um grande fenômeno entre os jovens e atraía milhares de jovens para a sua prática, em sua maioria eram jovens integrantes de gangues que ao invés de brigarem, tudo se resolvia pacificamente em uma disputa ou batalha de dança comandada pelos *DJs*, as disputas envolviam variados estilos, como o *Breaking*, *Popping*, *Locking*, entre outros.

Percebe-se, a partir do exposto até o momento, que as manifestações artísticas que surgiram através de simples encontros de som nas ruas já possuíam como instrumento de luta e de afirmação cultural, três grandes pilares e características firmadas na época, que eram a música rimada e versada em cima de batidas elaboradas, a expressão artística pintada em paredes e muros, e a dança de rua. Este novo modelo de diversão e entretenimento atraíam multidões nos guetos, e inevitavelmente se tornava mais do que uma tendência uma verdadeira identidade cultural.

Devido enorme popularidade e ao crescimento e solidificação, *Afrika Bambaataa*, ao perceber que todos esses elementos se comunicavam entre eles e eram bem próximos uns dos outros, teve uma grande ideia de unificar todos os elementos em um único movimento, acabou por dar o nome a um novo movimento cultural que seria conhecido como *Hip Hop*, onde seria composto por quatro elementos (graffiti, DJ, break, Rap) e teria como pilares o *Rap* (Rhythm and Poetry, ou Ritmo e Poesia quando traduzido, que era a música versada poeticamente), a *dança de rua* (Break), que incluía diversos estilos, o *Graffiti*, que seria a arte nas paredes e muros e o *DJing* (Disc Jockey, DJ), que seria o responsável pelas batidas, scratches e músicas para dança. Acabava de nascer sobre o nome de *Hip Hop*, não apenas um movimento meramente cultural como tantos outros já existentes, mas um novo movimento de cultura resistência autoafirmação e de ação político social, conforme corrobora Balbino e Mota,

No ano seguinte, em 12 de novembro de 1974, depois de juntar essas quatro expressões artísticas, Bambaataa vê a necessidade de denominá-las e, fazendo alusão à dança, cria o termo hip hop, que significar saltar – to hop, em inglês, - movimentando os quadris – to hip. [...] embora o nome refira-se apenas à dança, ao criá-lo, Bambaataa quis repensar a situação política dos Estados Unidos e resgatou os valores defendidos pelos Panteras Negras para combater as guerras e abusos civis. [...] O hip hop então nasceu como uma manifestação cultural e expressiva, tentando sempre levar aos jovens menos favorecidos a informação, o discernimento e a conscientização política e social. As quatro expressões artísticas, com vocabulários, vestimenta, e comportamentos próprios, foram criadas por Bambaataa com a intenção de problematizar e melhorar o dia-a-dia dos guetos e periferias [...] como uma ferramenta para a ostentação de ideias positivas. (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 25).

Aos poucos a poesia musicada que era o Rap ganhou seu espaço em casas de shows, os graffites nos muros eram uma verdadeira expressão artística, Break era uma dança que surgiu nas ruas, mas que ganhavam espaços nas festas da cidade e inevitavelmente e como um verdadeiro fenômeno e explosão cultural que era o hip hop logo ganhou o mundo e conseqüentemente migrou para o Brasil.

3 História do Hip Hop no Brasil

Após o estrondoso sucesso que o Hip Hop fez nos Estados Unidos na década de 70, ao travar uma verdadeira batalha contra um sistema autoritário e preconceituoso, o movimento se expande por todo o mundo, mas foi somente em meados de 1980 chega ao Brasil, que passava por um momento delicado em meio a uma ditadura muito severa que privaram as pessoas de seus direitos mais simples.

No Brasil, o Hip Hop surge de forma ainda meio tímida, no início da década de 80 na cidade de São Paulo inicialmente através do Break, os jovens se reuniam na Rua 24 de maio, porém, devido alguns problemas com os donos de lojas eles migram para o metrô da São Bento, ali os primeiros B. Boys ensaiavam seus primeiros passos. Portanto, o Break foi o primeiro elemento que se destacou no início da história desse movimento no Brasil, no entanto, o Hip-Hop ainda teria uma grande jornada pela frente para ser aceito como cultura e poder conquistar seu espaço como arte e cultura de transformação.

Segundo MOTTA, BALBINO (2006).

Rua 24 de Maio. Centro de São Paulo, esquina com a Rua Dom José de Barros. Alguns jovens, cabeludos em estilo Black Power – cabelos sem alisamento, grandes-, negros ou descendentes deles, com roupas e sapatos diferenciados começaram a chamar atenção de quem passava por ali. Eles dançavam um negócio esquisito. Parecia que estavam quebrando o corpo, ao som de uma música estranha, uma mistura de funk com soul, mas a letra era falada. O estilo da dança era o break, e a música o rap. Era o hip hop adentrando e ganhando o Brasil. (MOTTA, BALINO, 2006, P.17).

O movimento Hip Hop ainda não era muito conhecido e nem muito popular entre o povo da época, porém o break ou dança de rua como era conhecida começava a ganhar cada vez mais adeptos, e da mesma forma e com a mesma voracidade de transformação que aconteceu nos guetos norte-americanos mudando as vidas dos jovens que faziam parte de gangues, aqui no Brasil não foi diferente, as gangues agora se transformavam em crew ou grupos. Esses grupos, portanto, aparecem como alternativa para uma ocupação de espaços públicos e para um enfrentamento e um debate sobre sociedade cultura. Nesse sentido, Yoshinaga diz que,

A disseminação do Breaking no Brasil ganhou muito mais força no início de 1984, a ponto de a dança se tornar uma verdadeira “febre” popular, seguindo uma tendência mundial. Fora do país até mesmo um jogo chamado break dance chegou a ser lançado para a plataforma de computador Commodore 64(Yoshinaga, 2014, pg.191).

Partindo do pensamento do autor supracitado, torna-se claro que o fenômeno Hip Hop veio pra ficar e que mesmo em meio aos pré-conceitos e perseguições sofridas por quem o praticava eram cada vez mais evidente que este movimento não seria apenas uma simples “modinha”, pelo seu posicionamento, também pela sua resistência e insistência.

Sendo assim o ano de 1984 ficou conhecido para o movimento Hip Hop como o ano oficial da chegada da dança de rua (Break) no Brasil e, portanto, o ano do surgimento do elemento B.Boying. Porém, existem muitos relatos da existência de pessoas isoladas que já dançavam em meados de 1983, mas ninguém sabe ao certo, pois foi somente em 1984 que a mídia, através de seus veículos como revistas, jornais, TV, comerciais, documentários e filmes, propagou a chegada desse novo e contagiante estilo de dança. Era muito fácil notar a influência desse novo estilo entre os jovens daquela época, conforme se observa na figura 3 a seguir, pois todos queriam parecer com os artistas norte-americanos, usavam roupas coloridas,

óculos escuro, bonés, ali a se ensaiavam os primeiros passos para o que mais tarde se tornaria uma cultura mais complexa.

Com a grande repercussão e a popularidade que ganhou, o Breaking passou a ser levado muito mais à sério por vários praticantes, que começaram a viver em função da dança. Pouco a pouco eles foram desvendando aquele universo que os fascinava, ampliando seus conhecimentos e entendendo o verdadeiro significado do hip hop. (Yoshinaga 2014, p. 216).

Figura 3 – Nelson Triunfo e o seu grupo SPfunk



Disponível em: nelsontriunfo.blogspot.com/ Acessada em: 20/10/2018

Entretanto o fenômeno Break não se fez sozinho para o grande sucesso nos dias atuais, os adeptos deste estilo de dança recém-chegado, eram muito influenciados por artistas, filmes, e vídeo-clips estrangeiros, associados a grandes equipes e clubes de bailes nacionais, entre os quais se podem citar: Chic show, Black mad, Zimbabwe entre outras.

Nessa época pode-se destacar alguns nomes como o de Nelson Triunfo e o seu grupo Funk e Cia. Com o grande sucesso dos encontros de break logo surgiram dentre os dançarinos alguns com talentos para a rima, começa aí ensaiar os primeiros passos para o surgimento do rap. Não demorou muito para que começasse a se desenhar o primeiro modelo de Hip Hop aqui no Brasil, era apenas uma questão de tempo para que esta cultura tão forte enraizasse no território nacional.

Assim como afirma MOTTA, BALBINO (2006).

A primeira manifestação da cultura hip hop no Brasil aconteceu por meio da dança, simbolizada pelo break. Nelson Triunfo é quem, pela primeira vez, colocou nas ruas brasileiras uma das quatro artes da

cultura hip hop, o break. *Nelsão*, como é conhecido, é o responsável pela difusão do break, e conseqüentemente do hip hop no Brasil. Em sua trajetória, ele já trazia o soul e o funk na bagagem. Nascido em 1954, em Triunfo – daí o sobrenome - interior de Pernambuco, morava com a família na roça e diz que desde cedo era ligado à cultura negra e sempre gostou de tocar, nem que fosse sanfona nas festas de São João.

A figura 4 trata- se do encontro e batalhas de dança na São Bento-SP (1984)

Figura4 largo da São Bento



(Foto disponível em pátio.sãbento.com.br/acesso em 10/11/2018).

Grandes nomes como os de Thaíde e DJ Hum e Mano Brown, estavam sempre presentes nos encontros da estação do metrô São Bento, que foi a onde o ápice do movimento hip hop aconteceu, e em pouco tempo por ali a estavam reunidos os quatro elementos da cultura hip hop. O rap assim como o Break foi um dos principais responsáveis para difundir a cultura hip hop pelo Brasil.

Os pioneiros do rap no Brasil são *Thaíde* e *DJ Hum*, que antes de se lançarem como MC e DJ, eram integrantes da *Back Spin Crew*. Eles participaram da primeira coletânea de rap que fez sucesso no Brasil. Em 1988 foi lançado o disco *Hip hop cultura de rua*, MOTTA, BALBINO (2006, p.21).

Costa (2005), afirma que o Hip Hop não é um estilo musical ou um estilo de dança, e que a dança do hip hop não se preocupa com “raízes de dança original”; seus passos não são coreografados, ela é constituída de passos inventados.

O disco Hip-Hop Cultura de Rua é o que marca a chegada do movimento no Brasil. São vários os rappers que participam do álbum. Estimulado pelo diálogo e pela aproximação com militantes do movimento negro alguns dos principais rappers de São Paulo começaram a passar por um processo de aprofundamento político, social e sobre a diáspora africana (Yoshinaga, 2014, p. 246).

Partindo desse ponto é natural afirmar que o rap começava a se tornar algo que mudaria a forma de ver e de fazer cultura no País, e logo o rap se tornaria uma das maiores expressões artísticas e uma grande ferramenta de transformação social.

Para Yoshinaga (2014), esse posicionamento mais crítico teve reflexo imediato nas letras das músicas que aos poucos deixaram de lado os temas festivos e passaram abordar, de forma mais explícita ou até com certa agressividade, questões como descasos políticos, criminalidade, miséria, racismo, violência, drogas, comportamento policial e sistema carcerário, entre outras mazelas.

Depois da febre de 1985 que marcou a estação São Bento como o marco da cultura Hip Hop, aconteceu uma divisão entre os grupos e outro grupo passou a se encontrar na Praça Roosevelt, aonde também deu origem ao surgimento do “Sindicato Negro”. Em 1989 Milton Salles criava o (MH2O) Movimento Hip-Hop Organizado. O (MH2O) foi uma organização muito importante para disseminar os grupos de rap da época, pois criou vários eventos oficinas e shows para as periferias, Milton Salles também foi produtor dos Racionais Mc’s. Conforme afirma Contier (2005).

Um ponto que merece destaque é que a década de 1990 foi a mais importante para o hip hop Brasileiro. Época em que ele cresceu diversas associações, posses grupos foram criados e seus conteúdos eram extremamente críticos. Luiza Erôndina, então prefeita de São Paulo, em sua estão “incorporou o hip hop em diversas ações educativas nas periferias como Rap nas escolas e rapensando a educação” (Moassab, 2011,pg.56, apud, Giovanna Teixeira Borri.).

No ano de 1995 a cultura Hip Hop já havia se consolidado e se espalhado por várias partes do país. Porém um dos grupos responsáveis para legitimar a força e a determinação dessa cultura pelo nordeste e conseqüentemente pelo Brasil foi o grupo Clã Nordestino do Maranhão, entre seus integrantes podemos destacar o seu líder o Preto Ghóez, que criou a organização (MHOB), Movimento Hip Hop Organizado do Brasil, que tinha o intuito de organizar e unificar todas as periferias de norte a sul do país. Assim como afirma o site rap nacional.

Sintonizado com vários aspectos da vida do país, **Ghoez estava finalizando o livro Sociedade de barra** e articulando o MHHOB (Movimento Hip Hop Organizado do Brasil), além de militar no Favelafro, uma organização que surgiu de uma ruptura – provocada por questões políticas fonográficas – de parte do Quilombo Urbano e do Clã Nordestino. MANDAKE (2012).

Figura5 Preto Ghóez fundador do MHHOB (movimento Hip Hop organizado do Brasil)



Foto disponível em dingosgraffiti.logspot.com/ acesso em 23/11/2018

No Piauí, o movimento já ensaiava seus primeiros passos para se tornar uma organização que veio através do Questão Ideológica – Q.I, que anos mais tarde cria a casa do hip hop no bairro Parque Piauí, zona sul de Teresina, que vinha ser mais tarde considerada a maior casa de hip hop da América Latina. O Q I é uma entidade de hip-hop que trabalha a divulgação dessa cultura através de ferramentas livres, e acredita em uma música que trate as questões sociais, raciais de gênero, e outras temáticas, como aspectos da sociedade brasileira e mundial que devem e podem ser trabalhadas na melhoria e transformação do mundo via cultura Hip Hop. Como afirma o autor em relatos de vivências e experiências junto a o movimento hip hop do Piauí.

Afigura6 trata – se do logo do Q.I(Questão Ideológica).



Foto arquivo pessoal do autor (2000)

Porém, em convivência do autor com os praticantes do movimento ou cultura hip hop desde a década de 90 distantes da capital, afirma-se que já existia um jovem, chamado de Nonato, que mesmo de forma isolada e tímida, de forma pioneira praticava seus passos coreografados de Break, desbravando esse estilo intrigante e envolvente que era o hip hop, e mesmo sem saber o poder e a força político-cultural que este ritmo tinha, o praticava sem nenhuma pretensão, pois assim como em sua origem em São Paulo, na pequena cidade de Picos - PI o Hip Hop vem através da dança de rua, e serve somente para diversão e entretenimento dos jovens das periferias que não tinham opções de lazer.

Segundo Alves (20018), as práticas culturais juvenis são espaços de construção de saberes e socialização dentro de uma cidade; são manifestações que contribuem para o enfrentamento da violência no contexto das comunidades onde vivem seus integrantes para a construção de identidades juvenis positivas, tanto individuais quanto coletivas.

Pouco mais tarde vários jovens passam a praticar essa nova dança e logo surgem diversos grupos como: New Dance Machine, Manos de rua, Manos e Minas, Eletro Break entre outros. Poucos anos mais tarde surge também outro elemento da cultura, o rap através de um grupo chamado Mc's do Rap. E não demoraria muito para que aqueles jovens entendessem que o hip hop ia além de dançar ou fazer algumas rimas, mas que era um movimento que traria um impacto político-cultural para suas vidas e para todas as comunidades da pequena cidade do interior do Piauí.

A partir das experiências vividas pelo autor com o Hip Hop na cidade de Picos. Começava a se discutir e questionar os vários problemas sociais que as

músicas dos Racionais Mc's traziam em suas letras sempre politizadas, o quanto os problemas eram tão frequentes daquele lado da cidade, e pior ainda porque ninguém fazia nada. Foi então quando surge a ideia de se criar uma organização onde trabalharia a consciência dos jovens das periferias para que eles mesmos fizessem a diferença em suas comunidades e não esperassem que os governantes que só iam naqueles bairros em época de eleições o fizessem.

No entanto, podemos confirmar essa constante luta travado pelo movimento em busca de incentivar os jovens a seguir o caminho dos estudos, a buscar exercer sua cidadania e despertar a consciência sobre os problemas sociais que enfrentamos problemas esses que foram socialmente construídos ao longo do tempo, mostrando que existem saídas para essa marginalização que o povo pobre é rotulado de maneira generalizante, saídas através da arte, da educação, da união na busca de uma igualdade de classe, de raça, de gênero, enfim todas as causas minoritárias, pois o movimento tem esse papel de atuação na transformação social. (Alves,2018,pg.11).

Surge então o (M2HP), Movimento hip hop de Picos, com intuito de organizar e fortalecer o movimento na cidade de Picos e região, esta sigla foi criada pelo rapper Naldo Mc, e anos mais tarde reorganizada por outros componentes, B. Boy Sandro, e o rapper e grafiteiro Ted Rap. Enfim o movimento Hip Hop de picos estava completo existia os quatro elementos que o rege, graffiti, DJ, Mc e Break. Figura7- logo m2hp(movimento Hip Hop de Picos)



Imagem arquivo pessoal do autor (2015)

O BREAK: representa o corpo através da dança; O MC: a consciência, o cérebro- O DJ: a alma, essência e raiz; O GRAFFITI: a expressão da arte, o meio de comunicação. Não demorou muito para que o Hip Hop picoense passasse a ser

referência no Piauí e começasse a realizar seus próprios eventos, com palestras, formações política, grafite e muito rap. Foi justamente nessas formações que o movimento se firma como ferramenta de ensino aprendizagem de uma maneira informal, através da entidade Rede de Educação Cidadã – RECID, levando informação e cultura para jovens esquecidos por um sistema preconceituoso, racista e excludente.

Segundo Freire, “Essa concepção de educação parte de uma visão antropológica da condição humana na qual o ser humano não é algo dado, senão um ser em permanente processo de construção a partir das possibilidades históricas, sociais e culturais dos contextos das experiências de vida” (Freire, 1987).

Figura8 formação da RECID (Rede de Educação Cidadã)



Foto arquivo pessoal do autor (2014)

Anos mais tarde por volta do ano de 2010, para ser mais exato em uma experiência com o programa Pro-jovem adolescente, na cidade vizinha de Sussuapara o movimento é utilizado em uma experiência pedagógica com aqueles jovens através dos seus elementos (grafite, dj, break e mc), descobrindo assim seu potencial para prender a atenção dos jovens e melhorar seu rendimento através de uma linguagem própria da juventude. Como se pode constatar através das figuras abaixo, elitizando-se de mais uma experiência do autor para com a cultura Hip Hop.

Outra experiência que vale a pena ressaltar seria a do programa Mais Educação, em 2012, onde o hip hop foi utilizado como uma grande ferramenta de combate à evasão, pois as crianças que eram atendidas pelo programa em sua totalidade eram oriundas de periferia e o hip hop tinha uma linguagem parecida das suas vivências.

Figura 9 trata – se de uma oficina de grafite em uma escola.

Figura 9 oficina de grafite



Foto arquivo pessoal do autor (2013)

Figura10 oficina com o pro-jovem adolescente



Foto disponível em Riachao.net.com.br/acesso em 12/10/2018.

Com base nessa primeira aproximação, concordamos com Ribeiro (2006, p78), quando observa a potencialidade da cultura hip hop para o trabalho pedagógico significativo e crítico, visto, que, sendo um movimento sócio-cultural e político associado às identidades negro-juvenis-periféricas, atrela um potencial transformador, que expressa no reconhecimento de realidades adversas que, além de ser denunciadas, são instigadas com propostas de mudanças. (apud. Carranza, Ferraz e Silva).

Desta forma pode se afirmar que o hip hop traz em sua essência, uma forma natural de transferência de saberes, e que tem uma linguagem própria ,junto aos jovens que o praticam , tornando assim uma grande ferramenta junto ao processo ensino e aprendizagem.

4. O hip hop como instrumento pedagógico.

Existem diversos estudos que se propõem a entender o hip hop como um instrumento pedagógico, e ao longo de toda a sua história o movimento ou cultura hip hop sempre provou que era mais do que um instrumento meramente cultural, e para, além disso, um instrumento político e porque não dizer educacional e pedagógico.com esses pressupostos entre cultura e educação tendo hip hop como ferramenta mediadora da contemporaneidade.

A fim de problematizar o hip hop como instrumento pedagógico através de experiências educativas vivenciadas de uma forma informal, contrapondo com as experiências vividas no período de estágio obrigatório, através do curso de pedagogia nas escolas municipais da cidade de picos a onde se pode constatar que uma das principais causas da evasão e a falta de atrativo nas aulas e a falta de didática entre os professores, colocando assim o hip-hop como uma das alternativas para as aulas.

Ao situar a educação no espectro amplo da vida social, a LDB induz a uma reflexão crítica da nossa prática educacional: a forma como ela vem sendo concebida, o isolamento da escola em relação ao mundo exterior, a distancia entre a teoria e prática, entre trabalho intelectual e trabalho manual, a organização escolar rígida, o ensino e as práticas de adestramento e, em especial, a formação de atitudes que, contrariando interesses e necessidades da maioria, levam à obediência, à passividade e a subordinação. (PEREIRA, TEIXEIRA in BRZEZINSKI apud ISABEL B ALDO).

Neste sentido, vislumbrando a possibilidade de utilizar e incluir o hip hop como instrumento pedagógico nas aulas formais, partimos da premissa de que o hip hop se encaixa bem em vários momentos em que as aulas tradicionais estiverem

falhando, como também por ser uma linguagem em que os jovens de periferia consigam assimilar conteúdos que fazem parte do seu cotidiano. Tendo em vista que todo aluno tem suas experiências suas vivências do seu meio cultural e isso deve ser aproveitado nas aulas no processo ensino aprendizagem tornando assim a aprendizagem muito mais prazerosa tão quanto o ensinar.

Todo o processo de educação deve ser concebido como um processo que deveria permitir a apropriação de um “saber fazer” e um “saber ser”, que seria destinado a instaurar, na medida do possível, um novo poder saber mais democrático, mais justo, mais solidário. É por isso que a participação de toda a comunidade na programação das atividades, na determinação dos objetivos e dos métodos é essencial. É através desta participação que a comunidade deveria se apropriar não somente do saber destinado a resolver os problemas econômicos, políticos, sociais, culturais com os quais ela é confrontada, mas deveria aprender também a reforçar seu poder, organizando-se de uma maneira crítica e audaciosa ao mesmo tempo (FAUNDEZ, 1993, p3, apud ISABEL BALDO).

Portanto o próprio saber da comunidade, o meio cultural em que esses jovens estão inseridos, olhando pelo viés de educação como uma prática libertadora, nos faz refletir as imensas possibilidades em que o hip-hop pode auxiliar na construção do conhecimento e saber popular, para que eles mesmos sejam agentes transformadores do ambiente no qual eles vivem, em sua maioria as periferias, podendo assim intervir através de reflexão ação.

Defendemos que não há tipos indentitários “puros”, mas sujeitos híbridos que se constroem a partir das relações, experiências e das significações que dão a essas, o que se faz necessário desconstruir discursos que congelem identidades e “demonizem” o outro. A partir de uma visão multicultural, a educação deva valorizar a diversidade e questionar as diferenças, superando posturas dogmáticas e questionando os modelos normativos, sem cair em dogmatismo e radicalismo que perpetuem a separação eu/outro, normal/diferente. (Canen, 2007 apud, Carranza, Ferraz e Silva).

Entre tanto se observa que diante dessas reflexões, as expressões do hip hop não se encontram fora dessa dinâmica social, em que a educação pública é marginalizada e muitas vezes possui uma forma de ensino que não condiz com a realidade imposta pela sociedade a esses jovens de periferia. E, portanto, o hip hop sendo este um potencial em suas diferentes formas de expressões artísticas e formação sócia cultural em muitos momentos funciona como uma escola informal, transmitindo diferentes formas de conhecimento.

Segundo os dados divulgados pela UNESCO o aluno não abandona seus problemas “sócio histórico,” ao entrar para escola. A maioria dos conflitos vivenciados pelos alunos fora da escola poderá ser mais bem compreendida por ele se a instituição escolar souber posicionar-se diante do mundo do aluno (ANDRADE, 1999).

Nesse sentido o Hip Hop na escola pode apresentar-se como expressão artística onde os alunos poderão re-significar sua realidade, valorizando as estéticas urbanas e as culturas aí implícitas que representam as histórias de vidas de nossos adolescentes e jovens.

A falta de motivação dos alunos quando estes se veem em obrigados a estar na sala de aula, sem compreenderem o porquê estão aprendendo aquilo ou qual a utilidade dos conteúdos ensinados, é um provável produtor de situações de indisciplina. Para isso, a forma como os professores organizam as atividades em sala de aula provocam efeitos diretos na motivação dos discentes. Atividades muito competitivas afetam negativamente, pois sempre há perdedores ao seu término, desmotivando os alunos. Aluno motivado foca sua atenção e ação à atividade proposta não restando tempo para se envolverem em atos indisciplinados (EDUCAR, 2008 apud Karen, Pricila).

Portanto o hip hop pode ser utilizado como outra maneira de motivar os alunos, para estimular a curiosidade e motivar os educandos, atraindo a atenção dos alunos e despertando o seu interesse. “Já que o ensino exige despertar curiosidade dos alunos para que eles tenham uma maior motivação e aprendizagem do conteúdo ensinado.” Freire (1996).

Sendo o Hip Hop um movimento social, este não pode ser entendido como um efeito colateral do sistema, mas uma expressão clara de um conflito presente em nossa sociedade. O ator coletivo seria seus representantes unidos para protestar e lutar por recursos essenciais para a sobrevivência ausentes nas comunidades periféricas, sob posse da classe dominante. Recursos como; saneamento, educação, saúde, emprego, segurança, moradia dentre outros. (MELUCCI 2001 apud Pricila Guimarães).

Se os movimentos sociais acabam por se só fazendo de certa forma o papel do estado no tocante o que diz respeito à formação de cidadãos críticos e envolvidos como uma sociedade mais justa e igualitária, as inúmeras possibilidades podem ser notadas nitidamente entre a relação hip hop e educação através de relações de cidadania entre o produzir e o reproduzir, proporcionando assim uma transferência de saberes entre os pares.

Ao se multiplicar o conhecimento, por meio dos vários vieses artísticos do hip hop, produz-se uma forma de resistência que faz frente a que está posto, que faz face às construções simbólicas hegemônicas, como forma de ressignificação e resistência da própria realidade concreta. Dessa forma, partilhar conhecimento significa resistir, posto o que fazer de coletiva como a forma de luta e referência para a efetivação do grupo (Grau zero- Revista de crítica cultural, v.3, n2, 2005/119).

Portanto o hip hop muito mais do que uma expressão artística, pode ser denominado movimento sócio cultural, pois desde a sua construção histórica, tem enraizado em sua formação o pensamento de coletividade e de empoderamento, denúncia e lutas pelo acesso a cidade de forma plena, como também de lutas por direitos básicos entre eles uma educação de qualidade e inclusiva. Em que a escola não seja apenas muros que reproduzam os pensamentos do estado e do sistema capitalista, mas que sirva como um instrumento de transformação para as classes menos favorecidas.

O Movimento *Hip Hop* é um exemplo nítido de manifestação e cultura juvenil. Através dos estilos, das danças e músicas e, também, do grafite, os jovens se constituem em protagonistas de suas realidades e buscam difundir a sua cultura preta de denúncias, protestos e demonstração de uma juventude submetida a vivências periféricas em condições vulneráveis que vivem boa parte da população brasileira.

Entretanto, tais experiências se constituem, também, em fonte de socialização e saberes juvenis, caracterizados pelo estilo, territorialização e “marcas” específicas que definem as identidades juvenis, criação de letras, danças e desenhos inusitados refletindo o cotidiano dos espaços onde habitam, fabricam cartazes e folders, divulgando os eventos por eles organizados e a execução de projetos que visam maior integração comunitária. Tudo isso requer planejamento, sistematização e tempo específico, porque, como ações educativas formam mentes e corpos que se movimentam ao construir sua própria existência. (Silva e Alves, 20018, p3)

:

Além dos quatro elementos já conhecidos da cultura hip hop (grafite, DJ, o e MC). O hip hop também possui um quinto elemento, “o conhecimento”, elemento cujo o objetivo é difundir a cultura hip hop e utilizar-se dela para promover as ações de cunho social, cultural, político e educativo, utilizando-se como base os diferentes tipos de pedagogias tão bem representado por Paulo Freire em seus livros. O hip hop ao se apropriar do quinto elemento, (o conhecimento), passa a se expressar não somente através da arte, mas com ela promover verdadeiras mudanças sociais e

inevitavelmente educacionais, pois através de transferência saberes para os jovens que o pratica torna-se possível intervir no meio em que estes convivem as periferias, e compreender o porquê das desigualdades sociais.

A pedagogia para uma prática educativa libertadora deve partir dos seguintes pontos: por uma pedagogia humanista, na qual há o repúdio de toda forma de manipulação e alienação do homem, bem como o considera como ser sujeito de educação; por uma pedagogia do oprimido, na qual se considera a educação como prática de libertação e desalienação e busca-se, e busca-se, a partir da educação, uma transformação social; por uma pedagogia da pergunta, a qual, em oposição à pedagogia da resposta, estimula a criticidade, o questionamento, a curiosidade e a problematização da realidade social; por uma pedagogia da esperança, na qual, solidifica-se uma educação compromissada com a mudança da sociedade; por uma pedagogia da autonomia, onde a educação respeite e preserve os sujeitos enquanto seres de cultura, história e conhecimento; por uma pedagogia da indagação, na qual a educação naturalmente se mobilize contra as injustiças sociais e discriminações; e por fim uma pedagogia dos sonhos possíveis, na qual a educação seja comprometida ética e politicamente por uma sociedade e por escolas mais igualitárias, justas, democráticas e solidárias (Grau zero- Revista crítica cultural, v3, n2, 2005/1011 apud Isael Baldo).

Portanto, partilhando destes pressupostos, da valorização dos saberes, e dos diferentes tipos de pedagogias, passamos a entender o hip hop como uma arma de resistência frente a um sistema educacional voltado a uma prática de educação excludente, racista, preconceituosa e seletiva a serviço de uma hegemonia dominante. Neste sentido o hip hop ao multiplicar conhecimento através de seus elementos (graffiti, DJ, B. Boy e MC), produz-se uma forma de resistência frente ao sistema que está imposto, criando assim outras formas de transmitir conhecimento e promovendo de forma espontânea um aprendizado muito mais proveitoso e de forma muito mais participativa.

A escola se estrutura como o lugar para o encontro de diversas vozes e, conforme afirma Freire (2005), a “cultura não seria entendida apenas como aquilo que está condenado dentro de livros e dentro de museus. Cultura seria também, gestos das pessoas se esforçando nos grupos e no trabalho. Cultura seria o que dá sentido nas relações humanas”(2005,p.6).O autor nesse sentido, valoriza a pluralidade e as diferentes formas de saberes, os diferentes métodos e conceitos de

construção de conhecimento possibilitando essa transferência de saberes entre pessoas e suas práticas.

A partir da concepção de que a cultura, a arte e a educação podem surgir de mobilizações sociais, e que estes movimentos tenham influências diretas sobre as dinâmicas sociais e culturais dos sujeitos e interferem no modo como eles aprendem de como eles vivem no seu meio natural e de que mesmo de uma forma informal produz conhecimento para estes sujeitos, desenvolvendo assim de certa forma uma prática pedagógica ao transferir conhecimento. Para tanto o movimento hip hop apresenta todas essas características e mais ainda torna evidente essa preocupação com o ensinar o aprender e a utilização do que foi aprendido de uma forma que possa intervir e transformar a sociedade em que vivemos tornando-os cidadãos críticos e participativos.

[...] a reinvenção da educação se faz e se refaz à medida que se avança o processo de transformação da sociedade, pois é o desenvolvimento deste processo que exige e favorece a aquisição pelos grupos dominados de uma consciência nova e de conhecimentos novos que a velha escola não é capaz de fornecer (OLIVEIRA, M.D; OLIVEIRA, R.D apud FREIRE; OLIVEIRA, 1984, p.124, apud ISABEL ALDO).

Dessa maneira o hip hop como instrumento pedagógico possibilitará um leque de opções para ser trabalhada nas diferentes áreas do ensino, que vai desde o ensino de artes, passando pelo de língua portuguesa, história e até mesmo da educação física, e possibilitando o desenvolvimento cognitivo para outras áreas do conhecimento que vai desde uma produção de um texto até mesmo a sociologia ou filosofia a partir de uma análise crítica a sociedade a qual vivemos, oportunizando aos alunos uma visão de mundo diferenciada participativa e crítica no tocante ao seu próprio meio cultural, e o que diz respeito à escola e a sociedade que cada vez, mas excluem, e que a cada dia fica muito mais seletiva.

O movimento hip hop por si só já traduz em parte todo o pensamento do educador Paulo Freire, quando utiliza os saberes já existentes nos jovens das periferias e os transformam em verdadeiras artes educadoras e que em muitos casos sem formação acadêmica nenhuma conseguem transferir os conhecimentos de sociedade, educação, política, arte cultura e economia. Para conseguir tal feito, utilizam dos seus quatro elementos (grafite, DJ, B.boy, MC), para que consiga atingir o seu quinto elemento que seria o conhecimento.

Em algumas experiências vivenciadas com o hip hop em escolas públicas da cidade de Picos Piauí, tanto com o movimento hip hop quanto através de estágios da minha formação acadêmica pôde-se evidenciar que o hip hop pode ser usado em diferentes aulas e de diferentes disciplinas tais como o grafite nas aulas de artes, o break nas aulas de educação física, o rap nas aulas de língua portuguesa, literatura, filosofia, sociologia, nas aulas de história afro-brasileiras entre outras.

Segundo Freire (1996), o desenvolvimento de práticas educativas permeadas pela valorização da cultura popular promove a conscientização dos sujeitos, abrindo possibilidades para que esses se tornem engajados na própria emancipação. Na medida em que tais práticas culminam em uma ação crítica, que instrumentaliza os oprimidos a se organizarem, onde as vozes dos sujeitos, sobretudo dos jovens, são ouvidas a produção cultural é enriquecida e a escola é legitimada como espaço democrático.

Com esses pressupostos abordaremos os encontros ou desencontros entre cultura e educação fazendo uma reflexão sobre como o hip hop pode contribuir como um articulador ou como um instrumento entre esses campos, levando em consideração a especificidade de cada elemento da cultura hip hop (grafite, DJ, B.boy, MC), e como cada um desses elementos possa ser utilizado em cada área do conhecimento nas escolas, começaremos aqui pelo grafite que é a artes plástica ou visual do hip hop.

4.1 O grafite em sala de aula

Figura 11 grafite em muro (artista Ted rap 2018)



Foto: arquivo pessoal do autor (2018)

O grafite é a expressão artística do movimento ou cultura hip hop, é o elemento responsável por trazer cores e traços através de inúmeras técnicas e estilos dentro do grafite. O grafite é uma expressão de arte urbana que utiliza técnicas de pintura com látex, combinada com pigmentos coloridos e tinta spray e, por meio de construção de painéis com mensagens de conscientização da cultura hip-hop, busca elevar a autoestima dos jovens, oportunizando espaços de reivindicação de mudanças e denúncia de mazelas da sociedade. Além do grafite, as músicas, o RAP (Ritmo e Poesia), conduzidas por MCs (Mestres de Cerimônia), do DJs (Disc Jockey) e os B. Boys (dançarinos do Break) completam a cultura hip-hop.

O grafite foi introduzido no Brasil no final da década de 70, em São Paulo. Os brasileiros não se contentaram com o grafite norte americano, então começaram a incrementar a arte com um toque brasileiro. O estilo do grafite brasileiro é reconhecido entre os melhores de todo o mundo.

Muitas polêmicas giram em torno desse movimento artístico, pois, de um lado, o grafite é desempenhado com qualidade artística, e, do outro, não passa de poluição visual e vandalismo. A pichação ou vandalismo são caracterizados pelo ato de escrever em muros, edifícios, monumentos e vias públicas.

Por ser uma manifestação artística que representa a realidade das ruas, o grafite atrai jovens de classes menos favorecidas, e viabiliza uma comunicação eficaz com essa população, o que se considera que pode ser transformado em um instrumento valiosíssimo no processo socioeducativo.

Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural, não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc, não pode dizer por que elas usam outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que sozinha não são capazes de decodificar nuances culturais (BARBOSA, 1999).

Nesse sentido, faz se necessário ressaltar a importância de atividades que dialoguem com os jovens principalmente aquele de escolas públicas e das periferias, pois a partir do momento em que a arte se desloca diretamente para a sala de aula fica evidente o total envolvimento e participação por parte dos alunos, e é possível que os alunos compreendam e valorizem as diversidades no que diz respeito à arte, e o grafite tem esse papel, tanto na rua quando feito pelo movimento hip hop, quanto em sala de aula potencializando esses sujeitos como um ser social de atitude crítica através da arte, melhorando assim a sua percepção de mundo.

Figura 12 aula de grafite em sala



Foto: arquivo pessoal do autor (2018)

4.2 O RAP o DJ e as aulas.

Figura-13 Ted rap e Naldo MC (show de rap 2014)



Foto: arquivo pessoal (2014)

O termo rap significa rhythm and poetry (ritmo e poesia). É um subgênero da canção, que surgiu na década de 60, na Jamaica, e, na década de 70, foi levado para os Estados Unidos, pelos jamaicanos. Para ser apresentado, o rap contava com uma sonorização, conduzida por DJ's e também com animadores, chamados de MC's (Mestres de Cerimônia). O rap é uma espécie de canto falado, comentavam assuntos como a violência das favelas e a situação política, além de temas como sexo e drogas. O contexto histórico de surgimento do rap aponta para as marcas de um discurso de protesto, usando o gênero como instrumento de luta, em prol dos direitos sociais.

Segundo Bakhtin (2011), pode-se afirmar que o gênero surge das necessidades sociais e muda junto com elas. Ou seja, gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados. Desse modo, se há mudanças nas relações sociais, essas mudanças alteram os gêneros discursivos. Assim, a escolha de um gênero está relacionada à visão que se tem da realidade. Bakhtin (2011) diz que essa escolha é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido.

Nesse aspecto, o rap seria facilmente incorporado em vários temas e aulas de diferentes disciplinas que vai desde uma aula de história afro-brasileira até mesmo gênero textual ou quem sabe de literatura. Do mesmo modo podemos ressaltar o elemento DJ, que por sua vez coexiste junto ao rap, pois é o responsável direto por pensar em produção e criação musical em todos os aspectos.

Entre outras coisas, é possível adentrar o campo das relações étnicas, compreendendo diversas facetas do preconceito contra os negros na atualidade. Paralelamente, abre espaço para se considerar ações que visam o seu combate e, principalmente, a autoestima e afirmação da negritude. O professor que encarar o desafio poderá constatar que essa música é boa não somente para

se ouvir, mas também para se pensar a sociedade e a história.
(ROBERTO CAMARGO,2015.)

Nesse sentido possibilitaria uma alternativa de adentrar o campo de ideias e sentimentos que vivenciam os jovens socialmente em seu meio cultural, inclusive entre os alunos, agindo como um mecanismo para entender como setores da sociedade atribuem valores e significados para a existência da camada da sociedade menos favorecida e como esses sujeitos narram sua visão de mundo o qual faz parte.

4.3 O Break, contribuição da dança nas aulas

Figura 14 batalha de break (encontro em Picos 2015)



Foto arquivo pessoal do autor (2015)

A palavra Break, que denomina a dança do movimento hip hop, é de origem americana e significa quebrar. Surgiu nas ruas dos guetos em nova Iorque antes do aparecimento do rap no final da década de 60, "pelo menos desde 1967 existem as gangues de break, que em suas batalhas para definir quem poderia dançar melhor foram automaticamente tirando das ruas inúmeros jovens que poderiam se tornar marginais em potencialidade" (PIMENTEL, 1994.p.57 apud PIRES).

A finalidade dessa dança era promover disputa entre gangues da época que ao invés de praticarem brigas violentas e muitas vezes até a morte entre os jovens transformavam as brigas e rixas em uma competitividade um pouco mais saudável através das competições de dança. O Hip Hop além de ser uma cultura com características distintas, esta cultura se dá por meio de um movimento que instiga mudança no cenário da educação, dando espaço para a formação da cidadania e participação atuante, pois é de seu caráter conhecer a realidade, denunciar os problemas e exigir mudanças e condições melhores para as pessoas menos favorecidas, deste modo apresentasse como uma arte cujo seu propósito é político. Pois por meio da cultura ou movimento hip hop os jovens (através do *Rap*, do *Break*, do grafite, dos *D'* e *MC's*), apropriam-se e conseguem transformar o Hip Hop em uma ferramenta de inclusão, de.

A expressão do corpo no break vem a ser o suporte de grandes manifestações de expressão do jovem que vivencia essa cultura. O corpo além de sua estrutura física é uma poderosa e complexa instituição política e cultural. É também a base primordial da vida e o canal o canal essencial de materialização do pensamento, pelo qual o ser humano se conecta ao mundo em que habita. (PIRES,2009v.n.1).

Apesar de ter sido afirmado nos parâmetros curriculares Nacionais da arte que a dança é uma atividade rítmica e expressiva, nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física, na Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, a arte está prevista como disciplina obrigatória e os parâmetros curriculares Nacionais (ARTE, Parâmetros curriculares Nacionais, 1997) propõe trabalhar várias modalidades, como dança , música, teatro e artes visuais. A partir do ensino infantil, infelizmente a dança e tão poucas outras modalidades são levado à sério, como um verdadeiro instrumento pedagógico que de fato é.

É necessário que a escola consiga se aproximar da realidade dos alunos, a instituição escola saiba se posicionar diante do mundo deles, e nesse caso a dança break pode ser um instrumento valioso no que diz respeito à apreciação crítica dos processos de cultura. além de corresponder bem a realidade das escolas públicas, onde esse tipo de dança é muito popular, podendo assim contribuir para a

construção da autodisciplina, do senso ético e estético dos alunos e também para a estruturação de cidadania(PIRES,2009v.4n.1)

Partindo da ideia da autora, pode se dizer que mesmo com todo o aparato legal que as leis defendem sobre o ensino da arte em sua totalidade, ainda enfrente se muita dificuldade para se programar aulas voltadas para a cultura e a arte. Porém o que se pode afirmar do sobre o Hip Hop e que se trata de uma cultura cada vez, mas presente entre os jovens, podendo assim facilmente ser utilizado em diferentes aulas e de diferentes disciplinas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação formal é um dos pilares mais importantes para o desenvolvimento da personalidade. Ela é sinônimo de cultura e formação em como proporcionar mais opções para encontrar sua vocação profissional além de o fato de estudar também seja sinônimo de melhor critério para tomar determinada decisão. A formação formal se refere a uma formação regrada através da qual o aluno precisa passar por certos trâmites para obter o título final. Este é basicamente o conceito de educação formal, porém o que mais vimos em escolas públicas são o descaso e a grande evasão dos alunos pelo desinteresse para com as aulas formais e ensino tradicional e o hip hop traz essa possibilidade de proporcionar uma aula diferente e dinâmica.

A partir de uma sistematização teórica e de uma experiência de vida dentro da cultura hip hop, junto as práticas educativas não formais, que foram estudadas nesse trabalho, conseguimos compreender o quanto a escola tem que ser melhorada para atender uma nova realidade de jovens e sua pluralidade cultural, para tanto e preciso que a escola rompa os muros e barreiras que existe entre comunidade e escola, e que passe a valorizar também o saber do aluno e o seu meio cultural ao qual ele vive, e que possa ser capaz de intervir na realidade da comunidade possibilitando assim uma transformação social. Acreditamos ter argumentado sobre a relevância de valorizar a cultura Hip Hop como instrumento pedagógico, para um desenvolvimento de práticas pedagógicas em mais significativas e inclusivas.

A cultura hip hop como observamos, pode ser compreendida como um movimento social, cultural, político e educacional, considerando sua potencialidade

para um olhar crítico sobre os problemas sociais, procurando assim, mesmo de forma informal uma educação voltada para a justiça e igualdade social.

O movimento ou cultura Hip Hop é símbolo de resistência, entre aqueles que o pratica, pois nem mesmo os piores momentos da história mundial pode apaga-lo, e atualmente é defendido por vários estudiosos como uma alternativa para uma educação transformadora e libertadora, pois possibilita aos jovens maior liberdade para criar, através dos seus quatro elementos (grafite, DJ, break, e o rap), eles tem inúmeras possibilidades para um melhor rendimento no tocante ao ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.N.(org): **RAP e educação., Rap é educação.**
São Paulo: summus.1999. E- book .

A força do rap: Disponível em: [www Carta Educação.org.br/](http://www.CartaEducação.org.br/) acesso em: 13/09/2018

BALDO, Isabel Maria:**Hip Hop: Cultura de resistência e resistência a partir do conhecimento.(2015).** Grau zero-Revista de critica cultural, v.3,n,2,2015/105.

CORTEZ, Rosyane da Silva, ALVES, Francisco Everton :**Expressões Hip Hop: Cultura juvenil na cidade de Picos- PI, 2006-2014.(2018).** Artigo para o curso de historia pela UFPI, Picos – Pi,2018. E-mail.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesania do saber:** tecendo os fios da educação popular. Fortaleza – CE: Editora UFC, 2005. E-book.

MOTTA Anita, BALBINO Jessica: **Hip Hop a Cultura Margina, do Povo para o Povo.(2006).** Trabalho de conclusão de curso em jornalismo pela UNIFAE, São João da Boa Vista-SP,2006.

Origem do Hip Hop. Disponível em: <https://www.youtube.com/> acesso em:27/08/2018.

Origem do Hip Hop e seu Compromisso. Disponível em: [https//vai ser rimando.com.br..](https://vai-ser-rimando.com.br/)Acesso em :27/08/2018.

O Hip Hop no Brasil. Disponível em: [https//pedefigo.com](https://pedefigo.com), acesso em:12/09/2018.
Vídeo **A historia do Hip Hop no Brasil.** Disponível em:[https//carlosaugusto2200junior.wordpress.com/](https://carlosaugusto2200junior.wordpress.com/)acesso em: 12/09/2018.

O Grafitti na sala de aula e fora dela. Disponível em: [Nova escola .org.br/](http://Novaescola.org.br/)acesso em 07/11/2018.

O Rap Brasileiro e os Racionais MCs/disponível em:[wwwproceedings.scielo.br/](http://www.proceedings.scielo.br/)acesso em:24/11/2018.

Praticas do graffiti na Educação Básica: Influencias das TIC nas Artes visuais: Disponível em: [wwwperiodicos.ufes.br/](http://www.periodicos.ufes.br/) acesso em: 30/ 10 /2018

PIRES, Raquel Almeida: **Movimento Hip Hop Cultura de transformação e integração.(2009).** Revista Educação,v.4,n.1,2009

SILVA, Francisco Leandro Sousa: **A Poesia Rap das Ruas para a Escola: Estratégia de leitura e produção no 9º ano do ensino fundamental (2018)**. Trabalho de conclusão de curso em letras pela UFPI, Teresina- PI, 2018.

SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa: **Rap de Quebrada: Construção de sentidos e saberes pelos grupos A Irmandade e Reação do Gueto de Teresina-Pi.(2012)** .Dissertação para título de Mestrado pela UFPI, Teresina- PI,2012

WEIHMULER, Valentina Carranza, SIQUEIRA, Vera Helena ferraz: **O Hip Hop como pedagogia das Juventudes: encontro possível entre o multiculturalismo crítico, a pedagogia social e a educação popular**. Revista ibero - americana de educação (2017).

YOSHINAGA, Gilberto: **Nelson Triunfo- Do Sertão ao hip hop**, São Paulo: Shuriken Produções/ Litera Rua,2014.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Eduardo Pereira Lopes,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

O HIPHOP Como instrumento pedagógico

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 16 de Janeiro de 2018

Eduardo Pereira Lopes

Assinatura

Assinatura